



CORREIO

segunda-feira, 8 de fevereiro de 2021

Jornal do Dia

IBOVESPA: -0,45% Dolar: 5,373



MÚSICA

'O Mar Anterior', do Anima, chega ao Sesc Digital

Selo Sesc e Grupo Anima completam a trilogia do projeto Imaginário Sonoro Brasileiro

© Publicado 20/06/2020 - 13h01 - Atualizado 20/06/2020 - 13h10 Por **Da Agência Anhanguera de Notícias**



Compartilhar 2

**Divulgação**

Álbum do Anima destaca a identidade musical do Brasil por meio de instrumentos e da mistura de sons provenientes de outras culturas

Como se um livro de história viesse acompanhado de páginas pautadas de harmonias, arranjos e melodias, nos últimos 30 anos, o Grupo Anima trafega pelos meandros de origens indígena, africana e ibérica da tradição oral brasileira.

Conexões mitológicas, políticas e sociológicas tecidas a partir de pesquisas e sonoridades da Idade Média e da cultura renascentista, também movimentam os encontros da música antiga e popular em uma expressão musical historicamente orientada.

Desde 2010, o conjunto de música de câmara celebra a trilogia do projeto Imaginário Sonoro Brasileiro. Ao lado do Selo Sesc, três álbuns ganharam forma como parte da identidade musical do Brasil, por meio de instrumentos e da mistura de sons provenientes de outras culturas e de outros tempos. Inspirado no livro homônimo de Walnice Nogueira Galvão, o álbum *Donzela Guerreira* (2010), apresenta um intenso estudo sonoro cujas obras abordam arquétipos da heroína que oscila entre características masculinas e femininas. A segunda parte da série percorre o espaço imaginário entre a mitologia e a história de *Encantaria* (2017), ao traçar um roteiro dramático musical sobre o mito milenarista do sebastianismo (desaparecimento do Rei Dom Sebastião, na batalha de Alcácer Quibir, no Marrocos, em 1578).

as polirritmias de streaming em CD de junço. Com 12 faixas, o disco físico - ainda sem data de lançamento - por causa da Covid-19 - acompanha um livreto de 112 páginas, que conta com obras da artista visual Rosana Paulino, também responsável pela ilustração da capa; texto do medievalista português Manuel Pedro Ferreira; fotos de Daniel Bittar; e comentários do ogã Leandro Perez (músico convidado), de Luiz Fiaminghi, Paulo Dias e Valeria Bittar sobre o encontro da música dos povos conquistados e apartados de suas origens, e em especial, dos povos africanos escravizados, com cantigas e danças da Idade Média.

Dentro do contexto de colonização e dos relatos históricos da tradição oral popular, este novo trabalho ressoa as perdas e o sentimento de saudade, fazendo-se ouvir por meio dos tambores dos orixás do candomblé junto às lembranças saudosistas encontradas na poesia medieval portuguesa, presente nas cantigas de amor do Rei Trovador Dom Dinis (1261-1325). Essa peregrinação de musicalidades destaca as polirritmias dos tambores dos orixás e toques de linhas-guias em contato com danças e cantigas da Idade Média, evidenciados nos arranjos tecidos num roteiro dramático. "Neste trabalho tratamos do mito da saudade portuguesa, do trovador português medieval, presente nas sete *Cantigas de Amigo*, de autoria de Dom Diniz, o rei trovador, ou como diz Fernando Pessoa, o "plantador de naus", por ter sido o responsável por plantar as árvores que deram origem às primeiras embarcações portuguesas", explica Valéria Bittar. Segundo ela, o trabalho inclui a diáspora negra, o sentimento de nostalgia e saudade.

Para o professor e doutor em estudos musicológicos da Universidade Nova de Lisboa, Manuel Pedro Ferreira, o Anima abraçou a pluralidade ao construir o diálogo intramusical entre Dom Diniz e o candomblé. "Sobrepor cantigas medievais e música de candomblé sinaliza mais a compatibilidade do que a diferença, lembrando que a continuidade histórica dos contatos entre a cultura europeia e as culturas africanas, quer a desejável comunicabilidade entre gêneros e esferas sociais. Esta abordagem é, em suma, uma ousadia artística e uma afirmação política; uma visão da alma brasileira e uma concepção de harmonização social", afirma.

Na qualidade de mestre-residente da música do candomblé Ketu e integrante do projeto, o ogã Leandro Perez conta que o rito africano precisa ser entendido como uma identidade e musicalidade relacional. "Falar do candomblé não é só tocar atabaque, é entender o contexto da cantiga durante o canto, a dança, as festividades, a culinária, as vestes... Tudo está integrado. É uma cultura, não só um ritmo. Nas músicas do Anima (tendo aqui como fonte o diálogo entre os tambores da cultura do candomblé), o Rum (tambor) dialoga com o Rumpi, com a cantiga, com outros instrumentos e arranjos. Um dos significados do Rum é fala, é o tambor que fala".

Com Mar Anterior, o Grupo Anima também denota a importância de trazer à tona repertórios afastados e adormecidos da memória musical do país, que foram registrados por Mário de Andrade na Missão de Pesquisas de 1929 e por uma equipe organizada por ele, na Missão de Pesquisas Folclóricas, de 1938, cujo material foi relançado recentemente pelo Selo Sesc e a Secretaria Municipal de São Paulo, em forma de coletânea. Em 1937, sob direção do escritor modernista, o Departamento de Cultura de São Paulo enviou a Salvador o compositor e maestro Camargo Guarnieri para participar do II Congresso Afro-Brasileiro com a finalidade de recolher melodias populares, cânticos de orixás, cantos das Nações Ketu e Angola e do candomblé de Caboclo. Pesquisador de música tradicional popular, Guarnieri foi o responsável pela transcrição de aproximadamente 300 cantigas da cultura do candomblé, publicadas posteriormente em 1947. Agora, após serem apartadas pelo tempo, podem ser revividas nos arranjos do disco, cujo acesso é: selosesc.tilda.ws/marantterior.

SAIBA MAIS

Criado em 1988, o Anima nasceu como resultado de reflexões sobre a interpretação musical e a memória sonora brasileira. A estrutura inicial do grupo teve como base o movimento de música antiga e a performance musical historicamente orientada. Esses princípios interpretativos norteiam até hoje o trabalho grupo, e foram ampliados e transformados por meio de múltiplas formações pelas quais passou e que ocasionou a

Digite o que você procura

RMC

Imóveis

Automóveis

Esportes

Variedades

Impressos

Opinião

Fórum RAC

Versão Impressa

brasileira e o flautista Carlos Gomes. O grupo é formado pelos músicos Gisela Nogueira (viola de arame), Hugo Pieri (barítono), Luiz Fiaminghi (rabecas brasileiras), Ogã Leandro Perez (canto e percussão afro-brasileira), Paulo Dias (percussão e órgão portativo), Silvia Ricardino (harpa medieval) e Valéria Bittar (flautas doces). Após a montagem e gravação de cinco espetáculos e CD's, em 2010 lançou o álbum homônimo *Donzela Guerreira*. Em 2017, deu sequência à trilogia de lançamentos pelo Selo Sesc com o disco *Encantaria*, cujo mito do sebastianismo dá a unidade narrativa e musical do projeto.

Tags: [correio](#) [rac](#) [selo](#) [sesc](#) [Mar Anterior](#) [Anima](#)

Escrito por:

Da Agência Anhanguera de Notícias

correiopontocom@rac.com.br

RECOMENDADAS



LIVE

Maria Bethânia se rende aos shows pela internet



QUADRINHOS

Por que debater HQs e liberdade de expressão

A transformação do quadrinho erótico pautada por temas como feminismo e sexismo estará



HQ

Em homenagem às Histórias em Quadrinhos

Dia do Quadrinho Nacional é celebrado em 30 de janeiro. Data foi instituída há 38 anos por



FOTOGRAFIA

Festival Hercule Florence coloca Campinas no foco

Hercule Florence cai na rede

Digite o que você procura

RMC

Imóveis

Automóveis

Esportes

Variedades

Impressos

Opinião

Fórum RAC

Versão Impressa



ACESSE NAS REDES SOCIAIS



Assine o Correio Popular

ASSINE AGORA



Já é assinante?

[Acesse a versão impressa](#)

FALE CONOSCO

(19) 3772-8000
faleconosco@rac.com.br

CENTRAL DO ASSINANTE

(19) 3736-3200

ANUNCIE

(19) 3736-3085
(19) 3116-3085
(11) 3704-1600

MÍDIA KIT

CORREIO CULT

WHATSAPP

(19) 9 9998-9902

[Termos de uso](#)
[Expediente](#)